

## NÓS E O CHILE

Estamos muito bem representados no Chile pelo embaixador Cyro de Freitas Vale, cercado de um pessoal ativo e capaz; o Escritório Comercial, que depende do Ministério do Trabalho, também está em boas mãos — as do gaúcho Afonso Assunção Viana. Não será, certamente, culpa de um ou de outro, mas da emperrada burocracia do Rio o fato de permanecer Brasil como que ausente, sob muitos aspectos, da vida chilena.

Não se explica, por exemplo, que tenhamos no Peru um escritor como Josué Montello a dar um excelente e concorridíssimo curso de cultura brasileira na Universidade — e ninguém no Chile. Sei que há dificuldades para isso, criadas por exigências da Universidade de Santiago, mas é tempo e haverá meios de contorná-las. Também não há explicação para o fato de não se rever o Convênio de Cooperação e Pagamento firmado em 1947, e hoje perfeitamente obsoleto; basta dizer que um só navio dá para transportar, em uma viagem, tudo o que podemos comprar do Chile em um ano inteiro, em dólares-convênio. Cobre, salitre, cevada maltada, aveia e mesmo aço são produtos chilenos de que precisamos. Além do nosso café, o Chile se interessa pela cera vegetal, cacau, mate, algodão; poderia facilmente ser comprador de outros artigos, inclusive manufaturas. O Convênio poderia ser ampliado imediatamente com os maiores benefícios para ambos os países.

Nosso interesse em estreitar as relações culturais e econômicas com o Chile tem também uma base política; é de toda nossa conveniência ativar o intercâmbio com uma nação democrática — a única do Pacífico. Nossa presença no Chile, fora das relações estritamente diplomáticas, só se afirma através do futebol e da linha da Panair. Ignoramos praticamente no Brasil um país altamente interessante, de vida cultural séria, com o qual podemos fazer bons negócios e que tem pelo Brasil uma simpatia verdadeira, feita em grande parte de instinto de defesa. Uma ligação mais estreita do Brasil e do Chile seria, antes de tudo, uma garantia maior de paz neste canto do mundo. Os chilenos admiraram há pouco tempo Ademir e Dalva de Oliveira; já é alguma coisa, mas afinal de contas, ainda é pouco.

3/18/54

R. B.